

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: *Calha Norte*

Data: *15.09.89*

Pg.: *1,3*

117

Denúncias são reafirmadas na CNBB

As denúncias continuam pipocando na 23.^a Assembléia Geral da CNBB, que se realiza atualmente em Manaus. Ontem foi a vez de frei Benigno Falchi, da Prelazia do Alto Solimões, fazer suas críticas.

Elas foram endereçadas diretamente ao Projeto Calha Norte — acusado de esmagar a cultura das populações nas faixas de fronteiras — e às mineradoras que atuam na área. (Página 3).

Frei do alto Solimões critica o Calha Norte

O frei Benigno Falchi, da Prelazia do Alto Solimões, localizada na fronteira brasileira com o Peru e Colômbia, criticou duramente, ontem, o Projeto Calha Norte que vem desvirtuar, segundo ele, completamente, as populações existentes naquela faixa de fronteira, revelando que as empresas de mineração Parapanema e Taboca, subsidiária da primeira, estariam servindo de capa para abrigar grandes grupos multinacionais norte-americanos, como a Gold Steel, embora não soubesse afirmar até que ponto essa notícia "é verdadeira".

Explicou frei Benigno Falchi, que a Prelazia, sob sua responsabilidade, fica inserida na Amazônia Ocidental, uma região de grandes e intermináveis desafios para a Igreja. "Além dos desafios comuns existentes nessa região, existem os de caráter social", acentuou o religioso dizendo que os primeiros desafios, como as distâncias acrescidas pela ineficiência do setor terciário estadual, saúde precária nos dois níveis, preventiva e terapêutica, além de um sistema escolar que é, segundo disse, "um transmissor de notícias, alguma coisa em torno de 75% e de poucos interesse para os estudantes", da mesma maneira que os meios de comunicação que dominam a área (não permitindo uma resposta por parte dos ouvintes) "que, inclusive, esmaga e destrói as culturas indígenas e caboclas, aliados ao êxodo rural, desemprego e subemprego. Independentemente de tudo isso, ainda enfrentamos três outros grandes desafios, particulares àquela região.

Sobre novos desafios, frei Benigno Falchi, que participa, junto com 80 outros religiosos e bispos da Assembléia Geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se encerra hoje, com a elaboração de um documento de avaliação do encontro realizado no Centro de Treinamento Maromba. Citou o grande Projeto Calha Norte, em fase de implantação, com o "aliciamento da sociedade local, através da montagem de infra-estrutura cuja finalidade é favorecer os supergrupos internacionais das mineradoras que, futuramente, deverão ocupar toda a faixa de fronteira norte para exploração da maior jazida de minérios nobres do Brasil. Tudo isso com efeitos ecológicos devastadores que todos nós conhecemos", observou o religioso, esclarecendo que, nesse caso, a ação da Igreja é bastante hostilizada por esses projetos "onde muitas vezes somos desacreditados, pois enquanto queremos tentar transformar a sociedade a partir da justiça e da igualdade, os supergrupos visam mais a acomodação da renda nas mãos de poucos".



Frei Falchi

Integração, não entrega

— Afirmou frei Benigno, que a Igreja não discorda da implantação do Projeto Calha Norte, mas ele deveria servir para fazer uma melhor integração da Amazônia ao Brasil e não uma "entrega", classificando de utopia querer ficar contra a implantação do programa governamental e paralisá-lo. "Nós queremos sim, uma maior humanização do projeto e que as vantagens advindas não se restrinjam apenas a pequenos grupos hegemônicos, mas sim a toda a sociedade local, com respeito pelas culturas próprias".

O outro grande problema, apontado por frei Benigno Falchi, diz respeito ao Projeto de Faixa de Fronteira para a Amazônia Ocidental (Profao) que, segundo disse, é equivalente ao Calha Norte para a fronteira ocidental, porém, com uma peculiaridade: uma parte desse projeto existente no vale do rio Javari, limite do Brasil com o Peru e vai até ao Estado do Acre "deverá, com certeza, promover uma hecatombe indígena e uma catástrofe ecológica", ao explicar o porquê e dizer que a abertura das BRs 364 e 367, tão planejada e sonhada por grupos econômicos, "destruirá 12 ou mais tribos ainda com pouquíssimo contato com a sociedade envolvente".

Essas tribos, segundo Falchi, são resíduos das grandes culturas riquíssimas e primordiais brasileiras que serão arrasadas, suas terras destruídas além de seus filhos e sua civilização, ressaltando que toda essa destruição terá custos sociais apenas para favorecer uma desenfreada ocupação dos bens naturais.

"Se ao menos fossem repassados lucros advindos dessa obra e respeitadas as tradições e culturas, nós aprovaríamos", frisou o religioso, afirmando que essa invasão ao vale do Javari se constituirá na destruição da última grande barreira do sistema capitalista no Amazonas.

Narcotráfico — Ao citar o terceiro e grande problema, frei Benigno Falchi, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das Pastorais Sociais, falou sobre a questão do narcotráfico, "pois estamos exatamente no eixo Bolívia/Colômbia/Estados Unidos e Bolívia/Colômbia/Peru, Europa e assistimos constantemente as guerras entre os grandes cartéis, assim como a degradação da população e da sociedade local porque o narcotráfico se efetua a partir, antes de mais nada, de viciar os produtores dos narcóticos, das drogas e os vendedores que agem dessa forma e têm que vender para sobreviver", tratando ainda das mulas (pessoas que transportam as drogas) com toda a juventude sendo aliciada para que fique a disposição dos narcotraficantes, "por fim vem a reciclagem do dinheiro. Existe a necessidade de apurar, de que maneira es-

se dinheiro se torne limpo, brotando daí problemas de mão-de-obra, como o barateamento de grandes construções para os donos das drogas".

Zona de exportação, outro desafio — Um outro grande desafio, segundo frei Benigno, trata-se da decisão governamental de transformar a cidade de Tabatinga, fronteira com a Colômbia e Peru, numa Zona de Processamento de Exportação (ZPE). Para ele a medida, se concretizada, nada mais seria que a oficialização do contrabando enorme existente.

"Nós sabemos do grande contrabando que acontece via Tabatinga e faz com que o peso (dinheiro colombiano) tem valor monetário maior que o cruzado novo e, por isso, os colombianos abarrotam suas vendas e supermercados com produtos brasileiros, principalmente enlatados e outros alimentos. São saídas constantes, imensuráveis que aportam no cais de Tabatinga e vão para a cidade colombiana", denunciou frei Benigno Falchi, frisando que a medida faz com que haja falta dos produtos para os brasileiros ou, também, quando os encontram pagam preços elevadíssimos. "Então, a implantação dessa ZPE seria mesmo a legitimação do contrabando na minha maneira de ver".

O que faz a Igreja? — Perguntado sobre o que a Igreja está pretendendo fazer diante de tantos desafios, o responsável pela Prelazia do Alto Solimões disse que é necessário efetivar um grande trabalho de conscientização daquelas populações, antes de mais nada, fazendo ver que estão sendo objetos de exploração.

"Esses benefícios, ou seja, construções de algumas escolas, abertura de novas estradas, implantação de termoeletricas são muito mais paliativos do que propriamente benesses provenientes dessa exploração desenfreada. Inclusive nós perguntamos o porquê da sociedade local não ser consultada; se realmente esse é o caminho do progresso e do desenvolvimento econômico que está se querendo, ou seja, através das mineradoras, da exploração de minérios ou se deveríamos respeitar mais a cultura local. Então o trabalho nosso, o trabalho da Igreja, é tentar através dos movimentos populares, dos Sindicatos, das Associações ou similares, fazer com que o povo tome consciência dessas situações e tenham capacidade de escolher, pelo menos, seu modelo econômico.

"Atualmente, esse modelo está sendo imposto a nós", observou frei Benigno Falchi que defende ainda a humanização desse processo de integração de todo o Amazonas ao contexto nacional, respeitando as vocações primárias, notadamente, do Alto Solimões.